

O IMPACTO DO PLANEJAMENTO DE ENSINO CONTEXTUALIZADO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM ¹

Maria Aparecida Gomes Barbosa²; Mariana Pricilia de Assis³

²Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PROPED UERJ)

³ Graduanda do curso de licenciatura de Geografia (UERN)

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, cidaufpeyahoo.com.br

³Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, marianasonhadora@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta o impacto do Planejamento de Ensino Contextualizado no processo de ensino aprendizagem do estudante universitário. A interação pedagógica é condição *sine qua non* para que o estudante universitário se torne um sujeito autoral do seu conhecimento. Ancora-se este estudo por Bruner (2001), Barbosa (2014) para este diálogo. A cultura pedagógica instituída em algumas universidades brasileiras, prevalece no sistema, onde cabe ao estudante aprender e ao professor ensinar. Os resultados deste estudo revelam, que dentro das instituições universitárias, se propaga muito novas práticas pedagógicas interativas, a mediação pedagógica, porém, tudo não passa de discursos, porque suas práticas pedagógicas em nada promovem a interação em sala de aula. Seu planejamento de ensino são os mesmos anos, após anos, não mudam. Consta-se haver professores que promovem interações pedagógicas, constroem seus planejamentos de ensino em conjunto com os estudantes e a cada semestre, esses são atualizados conforme o contexto.

Palavras-chave: Planejamento de Ensino. Instituições Universitárias. Interações Pedagógicas.

1.INTRODUÇÃO

Durante os encontros da disciplina Psicologia da Educação inserida no componente curricular no curso de Geografia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAMEAM), as aulas da professora, fez mudar o comportamento de estudantes oitivos apenas, para estudantes que falavam, ou seja, ela estabelecia interações pedagógicas em todos os seus encontros. Durante as quatro horas de aula ela questionava-nos e fazia provocações acerca dos conhecimentos prévios dos alunos sobre cada uma das teorias da aprendizagem.

A prática pedagógica do educador (a), seguia o método de anotar no quadro, palavras-chaves, que os estudantes explanavam ter conhecimento prévio do assunto pautado da disciplina. A maioria dos estudantes da turma ficavam impressionados, com tal possibilidade de conhecer sobre aquela teoria sem nunca ter estudado sobre elas.

A professora da referida disciplina não reside na mesma região dos alunos do Alto Oeste Potiguar. Mas, constantemente interage conosco através das tecnologias hipertextuais. Mas, o que

¹Este presente trabalho é o resultado da disciplina Psicologia da Educação, inserida no componente curricular do curso de Geografia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), CAMEM.

chama atenção é que todos os professores entregam um planejamento de ensino do semestre todo, já pronto e, quando, questiona-se sobre a possibilidade de mudar o dia da prova ou rever um conteúdo que não está menos compreensível, eles são taxativos em dizer um sonoro não porque já está na plataforma da universidade, no “sistema”, e nada pode ser mudado quando já foi inserido no sistema.

Contudo os Planejamentos de Ensino que a professora de Psicologia trazia sofriam várias mudanças, conforme a necessidade da turma, e principalmente, conforme o resultado das reflexões que ela solicita para após cada encontro. Então, ela retoma um determinado conteúdo porque ela diz que as reflexões de alguns estão equivocadas, para somente então, entrar em um novo conteúdo. As interações com a referida professora se dão não apenas durante os encontros (as aulas), mas, através das mídias digitais (e-mail, facebook, watts app), a qualquer hora e em qualquer dia. Essa disponibilidade facilita a compreensão dos conteúdos disciplinares, mesmo reconhecendo que alguns dos alunos, às vezes extravasa da disponibilidade consultando a professora em dias de domingo, feriados ou em horários tardios da noite. Porém, faço questão de relatar que a mesma nunca reclamou, ao contrário se disponibiliza para consultá-la a qualquer dia e hora. E, somente quando ela está dando ou fazendo outra atividade ela avisa e diz para entrar em contato ou que dará a resposta tão logo finalize o que está fazendo.

O “modo operandi” da professora de Psicologia é raro, mas pelo menos as interações pedagógicas deveriam ser uma preocupação de todos ou pelo menos da maioria dos professores da universidade, infelizmente isso não acontece. Na maior parte das disciplinas os estudantes universitários, permanecem “mudos”, com medo, receio da bronca do professor, por conta de já ter acontecido, então, cada vez que acontece, há um bloqueio mais ainda e, assim creio que no final do curso continuará completamente mudos. A prática pedagógica da maior parte dos professores da universidade se resume a ler conteúdos que eles trazem em slides e são projetados nas suas aulas. Em seguida, eles passam textos, que são deixados nas copiadoras da universidade ou dizem para os alunos ler determinado autor e determinado livro que tem disponível na biblioteca da universidade. E a nossa emancipação vai acontecer quando?

Logo, fica claro que os sujeitos tornam-se passivos nos ambientes educacionais escolas/universidades, desde do ensino básico ao superior continua a forma inerte de ensinar, a transmissão de informações apenas, mas o desafio contemporâneo é transformar essas informações em conhecimento. Realmente, não há uma negociação como defende Barbosa (2014), para que o processo de construção de conhecimento aconteça. O que estabelecem em algumas instituições de

ensino, são aulas com um manual com regras pré-estabelecidas, que eles chamam de Planejamento de Ensino, que pouco representa o contexto dos estudantes que está no planejamento/manual. Resultando em produções escritas não autorais, sendo tão somente compilações de livros ou artigos acadêmicos, com pouquíssimas ou nenhuma inferência sobre as citações. E então, cadê o estudante que estava aqui, na universidade? A falta de interação pedagógica e de uma Planejamento de Ensino voltado para instruí-los, tornando os sujeitos da aprendizagem autorais das escritas, é um desafio no ensino superior. Pois, a exposição dos conceitos dos conteúdos disciplinares deve se relacionar com as experiências dos estudantes. Então, Como autoproduzir? Em qual momento acontecerá? como defende Bruner (2001), ao afirmar que:

[...] Um sistema de educação deve ajudar os que estão em crescimento numa cultura a descobrir uma identidade dentro dessa cultura. Sem ela, tropeçam no próprio esforço por um significado. [...] O ensino de uma matéria, a importância de dar o discente um sentido da estrutura gerativa de uma disciplina, o papel fulcral da descoberta autoproduzida na aprendizagem de uma matéria. (BRUNER, 2001, P.65-112).

Este estudo ancora-se no pressuposto de que do ponto de vista da cultura acadêmica existe um nó a ser desatado para que o planejamento pedagógico aconteça de forma a ter efeito nos sujeitos que estão inseridos no sistema.

Os estudantes anseiam serem reconhecidos; os modos de apreenderem de forma mais estimulante. Mas, talvez a mudança aconteça quando alguns alcançar o patamar de doutor, mas, ainda coloco um “talvez”.

Essas provocações são fundamentais para os futuros educadores, porque, a tendência é sermos professores iguais, reproduzindo a mesma prática para o ensino médio e superior. Mas, o sujeito no processo de auto-formação tem a liberdade de fazer a diferença e mudar o método que se estende a década de reprodução do conhecimento.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica com diálogo crítico reflexivo de autores que trabalham o tema abordado. Que segundo Minayo (2001), a metodologia se posiciona em um lugar central no caminho de correntes teóricas, seu próprio acervo de conceitos é para desenvolver o tema abordado dialogando com o pesquisador.

Este estudo baseia-se em experiências vivenciadas nas aulas de Psicologia da Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

3. A narrativa no processo de ensino aprendizagem do estudante universitário

Para Bruner (2001) narrativas são histórias da história, ou seja, o narrador reconta uma história, um fato que presenciou, de acordo com a sua crença, os seus valores, as suas concepções, ou seja, de acordo com a sua cultura.

A partir das narrativas que o sujeito constrói experiências. O filme “*A lista de Schindler*” ilustra bem isso. Ele explica como a mídia ocupa o espaço da memória. Afinal, ele representa uma memória, que não foi vivenciada pôr em gerações anteriores. Entretanto aconteceu, não da forma exata como foi passado no cinema. No entanto, a memória que do Holocausto, é muito semelhante ao contexto apresentado no filme. Mas, não significa que foi exatamente como aconteceu. Talvez, tenha sido muito pior, talvez Schindler não tenha sido o “bom moço” como aparece no filme. Porém, um fato não pode deixar de negar: mídia e memória se entrelaçam e atuam em conjunto, sendo condicionalmente política e, por conseguinte, uma afirmação mútua de identidades de classe e cultura.

Logo, a formação de uma cultura torna-se possível graças as narrativas de fatos ocorridos nos contextos históricos, por pessoas que foram testemunhas oculares desses fatos, e que tais narrativas foram passando de gerações para gerações. Constituindo-se, assim uma cultura, que deve também conter um conjunto de procedimentos interpretativos para classificar os desvios das normas significativas em termos de padrões estabelecidos pelas crenças. As histórias obtêm os seus significados mediante a explicação dos desvios do normal de uma forma compreensível - ao fornecerem a lógica impossível. Então, o modo do educador narrar o conteúdo disciplinar, é o que torna a exposição do assunto mais acessível e mobilizador ao aluno.

É fato que o estudante, principalmente o estudante universitário está inserido dentro de uma cultura, que precisa ser levada em consideração pelo professor quando este elabora o seu planejamento de ensino, ou seja, o planejamento precisa ser contextualizado, caso contrário, a interação entre a cultura e os conteúdos disciplinares não acontecerá, tal qual a interação pedagógica, porque, como o professor vai interagir com os estudantes sobre elementos que não fazem parte de sua cultura? Fica difícil para ter sentido para os alunos que todos os dias se deslocam de suas casas, muitos colegas vêm de muito longe, da zona rural, passam horas para chegar à universidade, e quando nelas estão parece que se encontram numa bolha, em um espaço completamente diferente de todos os espaços que os mesmos frequentam, ao estarem em outros

ambientes extra-escolares. O que entra em contradição com o que afirma Senna (2009), quando diz que:

Educar é um ato de vida social e, desse modo, os atos formais de ensino são decorrência da vida social que se pretende para o outro. Mesmo a educação formal, quando não orientada em sintonia com as perspectivas de vida social manifestas quotidianamente nas ações de educação incidental, jamais logrará êxito, uma vez que se torna um processo artificial e esvaziado de alguma intencionalidade legítima. (SENNA, 2009, p. 39).

Diante disso, é importante atentar para a questão da experiência, entendendo-a como objeto de análise da realidade dos sujeitos e da produção de seu conhecimento. Assim, reconhece-se a potencialidade das narrativas autobiográficas dos alunos acerca das experiências vivenciadas ao longo de sua vida, como fonte de dados para subsidiar sua autoformação e sua identidade. Bruner (2001), no *princípio da narrativa*, a importância de possibilitar ao estudante enquadrar os relatos das origens, culturas e as crenças em forma de história, porém, não é o conteúdo da história que conquista a atenção dos alunos, mas o seu artifício narrativo, ou seja, é a forma como o professor expõe o conhecimento, que resultará de como os alunos compreenderão o conteúdo. Mas, como esse princípio pode ser inserido nas práticas pedagógicas da academia se os professores não dão nem vez, nem voz aos estudantes. Pois, os alunos sequer interferem nos seus planejamentos, como interferir nas suas práticas pedagógicas que pouco tem de interativas?

É através da narrativa que o sujeito se reconhece e descobre o outro, compartilhando experiências vivenciadas no cotidiano, não resta dúvidas que se o professor perceber essa importância da narrativa nas suas interações pedagógicas, terá como consequência uma interação pedagógica em suas aulas, pois, não é o conteúdo que prende a atenção do estudante, tampouco, é a mola que o faz sair de casa todos os dias e ir para a universidade, afinal, as mídias hipertextuais trazem todas as informações que serão repassadas pelo professor em sala de aula. Mas, o estudante universitário “não falta” às aulas para não ser reprovado por faltas, ou porque neste espaço social ele vai conversar com seus amigos, colocar a conversa em dia. Ou seja, são inúmeros motivos que levam os estudantes universitários a estarem e irem pra universidade. Segundo Bruner (2001) sobre a instituição escolar...

Um sistema de educação deve ajudar os que estão em crescimento numa cultura a descobrir uma identidade dentro dessa cultura. Sem, ela tropeça no próprio esforço por um significado. Só na forma de narrativa poderá cada qual construir uma identidade em descobrir um lugar na cultura a qual pertence. As escolas podem cultivá-la, alimentá-la. (BRUNER, 2001, p. 69).

Muito embora as instituições educacionais tenham propagado que passaram por profundas mudanças significativas, sobretudo nas questões das disciplinas curriculares, que tais mudanças aconteceram apenas nos projetos políticos pedagógicos, instrumentos institucionalizados e no papel dessas instituições.

Barbosa (2014), ressalta-nos que o educador não ensina apenas o que se sabe, mas o que se é, ainda predomina-se na cultura acadêmica científica, a crença de mente universal e alegado de valor sociocultural de aprendizagem, quanto anulando os sujeitos de mente hipertextuais com desejos e identidades socioafetivas.

CONCLUSÕES

Os estudantes universitários deveriam ser provocados a constituírem seus próprios conceitos de mundo, através da narrativa do cotidiano ao interagir com o outro e com o professor no espaço acadêmico, afinal, os mesmos são sujeitos culturalmente narrativos com mentes hipertextuais, Porém, o cenário que se desenha diante da contemporaneidade é o descrito por Cury (2015):

O teatro da educação determina que os dois atores principais, educador e educando, cultivem o processo de observação, comunicação, dedicação, deleite de aprender e treinamento contínuo. O aprendiz é seduzido pela maturidade, pela experiência e pela cultura do educador, enquanto o educador é cativado pela curiosidade, pelo desejo de explorar e pela sede de conhecer do aprendiz. No entanto, essas características são raras na educação atual. (CURY, 2015, p.29).

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.A. G. **Reflexão sobre a prática de ensino superior:** ou reprodução do conhecimento. Disponível em: <http://Modalidade_1datahora_19_09_2014_14_18_37_idinscrito_188_962f67e8c7a7098713575c76f245c9e2>. Acesso em 21.ago.2016
- BRUNER, J. **Cultura da educação.** Lisboa: Casagraf Artes Gráficas,2001.
- CURY, A. **Gestão da Emoção.** São Paulo: Saraiva,2015
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social. teoria, métodos e criatividade.** 18 ed. Petrópolis, Vozes,2001.
- SENNÁ, L. A. G. **Processos educacionais:** os lugares da educação na sociedade contemporâneos. Cap. I. In: Letramento: Princípios e Processos. Curitiba: IBPEX, 2009.